

Angélica Vier Munhoz
Cristiano Bedin da Costa
Sergio Andrés Lulkin
(Organizadores)

PORQUE ESPERAMOS

[notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]

1º Edição

Porto Alegre
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Zona de Investigações Poéticas

2020

#I

- edições autonomaz - -

Organização: Cristiano Bedin da Costa, Angélica Vier Munhoz e Sergio Andrés Lulkin

Montagem: Cristiano Bedin da Costa

Todas as notas foram escritas entre os meses de abril, maio e junho de 2020, durante período de isolamento social relativo ao novo coronavírus. A responsabilidade pela revisão e pelo conteúdo dos textos é dos autores e das autoras. A ordem de apresentação corresponde à de envio.

Zona de Investigações Poéticas

autonomaz@ufrgs.br

www.facebook.com/autonomaz

www.instagram.com/autonomaz



Este texto é disponibilizado nos termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P837

Porque esperamos [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus] / Angélica Vier Munhoz, Cristiano Bedin da Costa, Sergio Andrés Lulkin (organizadores) - 1.ed. - Porto Alegre: UFRGS, 2020.
100 p.

ISBN 978-65-86232-26-4

1. Formação de professores I. Munhoz, Angélica Vier II. Costa, Cristiano Bedin da III. Lulkin, Sergio Andrés IV. Título.

CDU: 371.13

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

INTERRUPÇÃO

Luciana Gruppelli Loponte

Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
luciana.arte@gmail.com

Interrupção

I.

Éramos puro fluxo. Início de semestre, muitas promessas lançadas. Neste ano, nossas aulas iriam ser dessa forma, nós iríamos fazer tudo diferente, prometíamos. Os corredores voltavam a encher-se, cumprimentos e saudações a distância. Aquele cafezinho, quem sabe, um dia desses.

II.

Ficar em casa. Estar em casa. Respirar em casa. Trabalhar em casa. Trabalhar em casa. Trabalhar em casa. Viver em casa. De casa, ver o mundo.

III.

Em casa, com essa sensação tênue e privilegiada de estar protegida de um vírus, redimensionamos o mundo e a nossa própria vida. Que docência pode emergir daí, em meio aos cacós do que pensamos que somos? Há algo para aprender?

IV.

Mais tempo, menos tempo. Já é sexta-feira. Outra segunda-feira. Uma lista de tarefas que continua a aumentar. O tempo fora de casa é o mesmo tempo que vivemos dentro de casa? Quem sou eu mesma naquela tela do computador tentando ver meus colegas de reunião?

V.

Um dia que começa. Hoje vai ser um dia produtivo. Faz ainda sentido “produzir” em meio a pandemia? Escrever, deixar escorrer o fluxo das palavras [mãe, pode brincar comigo? Agora não posso, pode esperar um pouquinho?]. A escrita faz com que tentemos colocar algumas coisas em ordem, por mais provisória que seja isto que podemos nomear de ordem [mãe, eu vou ficar aqui bem quietinho, tá?]. Tantos textos surgidos durante este período, o isolamento, a suspensão temporária faz com que as palavras brotem, se intensifiquem [mãe, olha aqui a fase desse joguinho que eu tô! É só um pouquinho, vem aqui].

VI.

[...]

VII.

Interrupção. Suspensão. Pausa.

Docências

I.

O primeiro momento foi a suspensão. Nos recolhemos como conchas em nossas casas, tentando entender o que estava acontecendo.

II.

Para o exercício da docência, preciso de presença. “Olhem nos olhos dos seus alunos, estejam presentes para eles”, digo sempre para meus estagiários. Como inventar presenças nas ausências?

III.

Tenho exercido a docência com meu filho de seis anos. Descobrimo palavras, sentidos e a poesia do encontro das letras. Aos poucos, parecem que aquelas letras começam a fazer algum sentido. Mas, ainda, eu e ele, precisamos de escola.

IV.

Devagar, fomos entendendo que assim seria, pelo menos um tempo. Aprendemos a lidar com as distâncias e os tantos aparatos que as eliminam. Há algo de docência possível.

V.

E, um dia, quando voltarmos, como ser docente de máscara?

VI.

Estar à altura desse tempo e desse cuidado para dizer o mais precisamente possível o que sufoca e produz um nó na garganta e, sobretudo, o que está aflorando diante disso para que a vida recobre um equilíbrio - não será esse o trabalho do pensamento propriamente dito? Não estará exatamente nisso sua potência micropolítica? Não será isso o que define e garante sua ética? E, mais amplamente, não será nisso afinal que consiste o trabalho de uma vida? (ROLNIK, 2018, p.27) [i].

VII.

“Não consigo respirar”, a frase que continua ecoando em nossas cabeças. Não conseguir respirar me amedronta. Continuar a pensar e a respirar em meio ao que nos sufoca é uma emergência, é um ato estético, é um modo de vida.

Tempos

I.

Reclamar da falta de tempo para tudo é nosso vício. Preenchemos o tempo com tantas coisas que, quando temos um pouco mais de tempo, nos perdemos.

II.

O tempo em casa passa diferente. Passa devagar, passa muito rápido. Quando tudo isso acabar, o que vou fazer com meu tempo?

III.

Mãe, por que o tempo demora tanto?

IV.

Demorei mais tempo do que queria para escrever este texto. Outros tempos em casa desorganizam o tempo do pensamento e da escrita.

V.

Mais um mês. Mais tempo do que imaginávamos. Em breve, nossos tempos em casa, compartilhados mais intensamente com os tempos da docência. O que aprenderemos de nós mesmos?

VI.

Olá, como vai? Eu vou indo, e você, tudo bem? Tudo bem, eu vou indo correndo pegar meu lugar no futuro, e você? Tudo bem, eu vou indo em busca de um sono tranquilo, quem sabe? Quanto tempo, pois é, quanto tempo. (Paulinho da Viola, “Sinal Fechado”).

VII.

Tempos de pensamento. Tempos de confinamento. Tempos para vivermos intensamente a incerteza. Tempos para respirar em meio a tudo que nos sufoca: um vírus, o racismo estrutural que se imiscui em meio a atos cotidianos, o machismo (quase) disfarçado da academia, a falta de empatia com o outro. É esse o nosso tempo?

Luciana Gruppelli Loponte
(entre maio e junho de 2020)

[i] ROLNIK, Suely. Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-I edições, 2018.